



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CEILÂNDIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL

ANA LUÍZA RODRIGUES DE SOUZA

**SOFRIMENTO PSÍQUICO DE TRABALHADORES DO TRANSPORTE PÚBLICO:
REVISÃO NARRATIVA DA LITERATURA**

Brasília - DF

2021

ANA LUÍZA RODRIGUES DE SOUZA

**SOFRIMENTO PSÍQUICO DE TRABALHADORES DO TRANSPORTE PÚBLICO:
REVISÃO NARRATIVA DA LITERATURA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade de Brasília – Faculdade de
Ceilândia como requisito final para obtenção do
título de Bacharel em Terapia Ocupacional

Professora Orientadora: Daniela da Silva
Rodrigues

Brasília – DF

2021

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

RS729s Rodrigues de Souza, Ana Luiza
SOFRIMENTO PSÍQUICO DE TRABALHADORES DO TRANSPORTE
PÚBLICO: REVISÃO NARRATIVA DA LITERATURA / Ana Luiza
Rodrigues de Souza; orientador Daniela da Silva Rodrigues .
-- Brasília, 2021.
35 p.

Monografia (Graduação - Terapia Ocupacional) --
Universidade de Brasília, 2021.

1. Terapia Ocupacional. 2. Trabalho. 3. Saúde do
trabalhador. 4. Saúde mental. 5. Motorista. I. da Silva
Rodrigues , Daniela, orient. II. Título.

ANA LUÍZA RODRIGUES DE SOUZA

**SOFRIMENTO PSÍQUICO DE TRABALHADORES DO TRANSPORTE PÚBLICO:
REVISÃO NARRATIVA DA LITERATURA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade de Brasília – Faculdade de
Ceilândia como requisito final para obtenção do
título de Bacharel em Terapia Ocupacional

Data da aprovação: 05/11/2021

Daniela da Silva Rodrigues - Orientadora
Mestre em Engenharia de Produção/Ergonomia
Professora da Faculdade de Ceilândia (FCE/UnB)

Vanina Tereza Barbosa Lopes da Silva
Doutora em Saúde Coletiva
Professora da Faculdade de Ceilândia (FCE/UnB)

“Existem coisas melhores adiante do que qualquer outra que deixamos para trás” (C. S. Lewis)

RESUMO

Introdução: Para além da procura por remuneração, o trabalho desempenha um papel importante na vida das pessoas, pois é através dele que os sujeitos se inserem de forma efetiva na sociedade. Entretanto, a atividade laboral pode, a depender das circunstâncias, tornar-se fator determinante para o surgimento ou agravamento de inúmeras patologias. **Objetivo:** Investigar na literatura quais são os principais fatores que influenciam no sofrimento psíquico de trabalhadores do transporte público. **Método:** Estudo de revisão narrativa da literatura com abordagem qualitativa e descritiva. A busca bibliográfica decorreu através das bases de dados: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Scientific Electronic Library Online (SciELO), La Referencia e Portal de Periódicos da Capes. Foram incluídos estudos em formato de artigo científico, com disponibilidade de texto completo e publicados nos últimos 10 anos. **Resultados:** Encontraram-se no total, 10 estudos elegíveis para compor essa revisão. Após a leitura criteriosa da amostra, foi possível identificar que as condições ergonômicas, ambientais e interpessoais do trabalho, as ações de cuidado em saúde das empresas e a dimensão familiar desses trabalhadores, estão entre os principais fatores de risco para o adoecimento mental no trabalho. **Conclusão:** A saúde mental dos profissionais que atuam no transporte coletivo urbano, é influenciada pelo ambiente micro e macro do trabalho. No que se refere à atuação do terapeuta ocupacional, é possível afirmar que o cuidado integral com foco no indivíduo, seu contexto e suas ocupações, mostra-se essencial para favorecer o bem-estar, a qualidade de vida, o desempenho ocupacional e a promoção da saúde mental. Reforça-se a necessidade da profissão se apropriar desses espaços e expandir o nome da terapia ocupacional.

Palavras-chave: Terapia Ocupacional. Trabalho. Saúde do trabalhador. Saúde mental. Motorista.

ABSTRACT

Introduction: In addition to the search for remuneration, work plays an important role in people's lives, as it is through it that individuals are effectively included in society. In the same way, the work activity can, depending on the circumstances, become determinant for the appearance or aggravation of numerous pathologies. **Objective:** Investigate in the literature which are the main factors influencing the psychic suffering of public transport workers. **Method:** Narrative literature review study with a qualitative and descriptive approach. The bibliographic search was carried out through the following databases: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Scientific Electronic Library Online (SciELO), La Referencia and Portal de Periódicos da Capes. Studies in scientific article format, with full text availability, published in the last 10 years (2011 to 2021) were included. **Results:** A total of 10 eligible studies were found to be included in this review. After carefully reading the sample, it was possible to identify that the ergonomic, environmental, and interpersonal conditions of work, the health care actions of the companies and the family dimension of these workers are among the main risk factors for mental illness at work. **Conclusion:** The mental health of professionals working in urban public transport is influenced by the micro and macro work environment. Regarding the work of the occupational therapist, it is possible to say that comprehensive care focused on the individual, their context, and their occupations, proves to be essential to promote well-being, quality of life, occupational performance and the promotion of mental health. The need for the profession to appropriate these spaces and expand the name of occupational therapy is reinforced.

Keywords: Occupational therapy. Work. Occupational health. Mental health. Driver.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Fluxograma da amostra do estudo.	17
--	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Estratégia de busca utilizada em cada base de dados.	16
Tabela 2. Artigos selecionados para a revisão.....	18

LISTA DE SIGLAS

AIVDs – Atividades Instrumentais de Vida Diária

AVDs – Atividades de Vida Diária

BVS – Biblioteca Virtual em Saúde

Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

GHQ – General Health Questionnaire

OMS – Organização Mundial da Saúde

QSG – Questionário de Saúde Geral

RENAST – Rede Nacional de Atenção Integral à Saúde do Trabalhador

SciELO – Scientific Electronic Library Online

Sinan – Sistema de Informações de Agravos de Notificação

TO – Terapia Ocupacional

TMC – Transtorno Mental Comum

TMRTs – Transtornos Mentais e Comportamentais Relacionados ao Trabalho

UnB – Universidade de Brasília

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 OBJETIVOS	15
2.1 Objetivo geral	15
2.2 Objetivos específicos	15
3 MÉTODO	16
3.1 Tipo de pesquisa	16
3.2 Procedimentos de busca	16
3.3 Critérios de inclusão e exclusão	16
3.4 Análise de dados	17
3.5 Procedimentos éticos	17
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	18
4.1 Categoria 1. Dos ruídos ao atendimento ao público: condições de trabalho que adoecem	20
4.2 Categoria 2. Promoção de saúde e prevenção de adoecimento: o papel das organizações institucionais	23
4.3 Categoria 3. Estilo de vida, relações familiares e autocuidado: a dimensão individual	26
5 CONCLUSÃO	30
6 Referências	31

1 INTRODUÇÃO

As noções sobre o trabalho, bem como sobre os processos associados a ele, passaram por diversas modificações ao longo da existência, acompanhando cada momento histórico e sociocultural (GODINHO et al., 2017; MASUMOTO; FAIMAN, 2014). Em consequência disso, existem diferentes definições e significados para o trabalho e múltiplas abordagens para o seu estudo. De acordo com Godinho et al. (2017), o trabalho pode ser compreendido como a interação material entre o homem e a natureza, nessa dinâmica o ser humano atua sobre os elementos de maneira a torná-los convenientes à humanidade. Já para Neves et al. (2018), o ato de trabalhar é caracterizado por uma atividade profissional que pode ou não, ser remunerada e pode ainda envolver ou não, elementos como a produtividade e a criatividade.

O seguimento do trabalho, para além da procura por remuneração, desempenha um papel importante na vida das pessoas, pois é através da atividade laboral que os indivíduos se inserem de forma efetiva na sociedade e atingem alto potencial de desenvolvimento pessoal e econômico (ARAÚJO; PALMA; ARAÚJO, 2017). Nesse sentido, observa-se que a atividade laboral é capaz de contribuir no processo de formação de identidade, na ampliação de rede social de apoio e de colaborar na promoção de autoestima e autonomia (ALCÂNTARA; ANDRADE; SILVA, 2019; MASUMOTO; FAIMAN, 2014). De maneira simultânea, o trabalho pode, a depender das circunstâncias, tornar-se determinante para o surgimento e/ou agravamento de inúmeras patologias (ARAÚJO; PALMA; ARAÚJO, 2017). Segundo Masumoto e Faiman (2014), o estresse e as condições de trabalho interagem de maneira dinâmica e única para cada indivíduo, assim, cada um atribui um significado pessoal à importância e ao valor da profissão.

Para entender melhor a relação entre saúde mental e trabalho, o médico e psiquiatra francês Christophe Dejours, apresentou a abordagem hoje conhecida como Psicodinâmica do Trabalho, por meio de uma publicação intitulada no Brasil como: “A Loucura do Trabalho: Estudo de Psicopatologia do Trabalho”, em 1980 (GIONGO; MONTEIRO; SOBROSA, 2015; PENA; REMOALDO, 2019). Segundo essa abordagem, o sujeito e o ofício estão interligados e não podem ser dissociados um do outro e por essa razão, uma análise complexa é necessária para que as relações de trabalho sejam estudadas. Além disso, a perspectiva de Dejours reconhece que o exercício profissional se apresenta tanto como uma fonte de prazer quanto de sofrimento psíquico e nesse contexto, os próprios trabalhadores criam mecanismos de defesa para lidar e manter a sua saúde mental frente ao ofício (DEJOURS, 2016; LOTTERMAN; GIONGO; OLIVEIRA-MENEGOTTO, 2018; GIONGO; MONTEIRO; SOBROSA, 2015). Os

fundamentos da Psicodinâmica do Trabalho, favoreceram a compreensão do ser humano de maneira integral, considerando sua história e contexto de vida, possibilitando caminhos para novos estudos e intervenções na área de saúde do trabalhador.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde – OMS (OMS, 2010), um ambiente de trabalho saudável consiste na colaboração entre funcionários e gestores para melhorar e promover segurança, bem-estar e saúde de todos. Partindo de valores éticos, o modelo de ambiente de trabalho saudável da OMS envolve desde o compromisso do empregador à participação do empregado para a promoção de um ambiente psicossocial e físico favorável ao bem-estar de todos os indivíduos. Assim, o modelo busca, por meio do diálogo e participação entre empregador e funcionário, alcançar uma melhor condição de trabalho e qualidade de vida, de maneira a viabilizar a participação e a produtividade (OMS, 2010).

Dentre as diversas atividades laborais existentes, observa-se que cada uma delas apresenta sua especificidade, ou seja, possui características próprias associadas às funções e carga de trabalho e dentre essas individualidades, está identificada a probabilidade do desenvolvimento de doenças devido às condições da atuação profissional (NERI; SOARES; SOARES, 2005). Considerando que as atividades relacionadas ao setor de transporte rodoviário apresentam um alto risco à saúde física e mental dos colaboradores (ARAÚJO; PALMA; ARAÚJO, 2017; BERMUDES; MINETTE; CUNHA, 2019; NERI; SOARES; SOARES, 2005), é importante pontuar que tais profissionais tendem a lidar diariamente com o estresse do trânsito e atendimento ao público em um espaço físico diferenciado, condições que impactam diretamente na saúde física e mental desses indivíduos (ALCÂNTARA; ANDRADE; SILVA, 2019; ARAÚJO; PALMA; ARAÚJO, 2017; BERMUDES; MINETTE; CUNHA, 2019). Outros riscos físicos, químicos e ergonômicos podem ser observados através da presença de ruídos, exposição ao sol e à altas temperaturas, pelo contato com poluentes e pela inadequação postural, condições comuns a esse grupo. (ASSUNÇÃO; SILVA, 2013; BERMUDES; MINETTE; CUNHA, 2019; LIMA et al., 2016; NERI; SOARES; SOARES, 2005).

De acordo com Assunção e Silva (2013):

É plausível supor que, diante dos estressores (caos no trânsito, atos violentos dos passageiros e transeuntes, condições dos ônibus, horários atípicos e hierarquia rígida), motoristas e cobradores estejam vulneráveis ao adoecimento psíquico, conforme sinalizam estudos precedentes. (ASSUNÇÃO; SILVA, 2013, p. 2474).

A partir da experiência diária no uso do transporte público urbano, surgiu a necessidade de um olhar diferenciado para o trabalho dessa categoria profissional. Com base em observações pessoais e nos relatos de alguns desses trabalhadores, é possível identificar um tema central e comum quando se trata da caracterização dessa ocupação, o cansaço e a falta de reconhecimento da profissão. Como usuária desse serviço, torna-se simples reconhecer que essas condições são consequências de uma dinâmica de trabalho que envolve desde a carga horária até o modo com que esses profissionais são tratados pelo público em geral. O resultado dessa relação é interpretado de acordo com as vivências e contexto de cada sujeito então, para alguns, o que é parte integrante do trabalho pode tomar uma dimensão muito maior para outros. Como sugere Kuhnen, Cruz e Takase (2009):

... a atividade de trabalho pode ser identificada por meio dos significados que dela derivam, para o trabalhador e para o próprio objeto de trabalho. Esses significados refletem crenças e valores, procedimentos aprendidos, aprendizagens formais e informais construídas e operadas ao longo do processo de trabalho e com base na experiência individual. (KUHNNEN; CRUZ; TAKASE, 2009, p. 41).

Segundo Neri, Soares e Soares (2005, p. 1107), “pesquisas demonstraram que as atividades ligadas ao setor de transporte rodoviário são consideradas fator de risco à saúde física e mental do trabalhador”. Um estudo realizado na base de dados do Sistema de Informações de Agravos de Notificação (Sinan) no Estado da Bahia, no período de 2007 a 2012, (SEMÊDO; REIS, 2020) descreveu que as atividades de cobradores e motoristas, tiveram o maior número de notificação de Transtornos Mentais e Comportamentais Relacionados ao Trabalho (TMRTs). De encontro a isso, segundo o Boletim Epidemiológico disponibilizado pela Rede Nacional de Atenção Integral à Saúde do Trabalhador - Renast (RENAST, 2019), a maior proporção dos diagnósticos de transtornos pós-traumáticos notificados entre 2006 e 2017 se deu entre motoristas de transportes urbanos e rodoviários.

Uma pesquisa documental realizada por Sobrinho et al. (2020), voltada para motoristas de ônibus na cidade do Natal, identificou que um número significativo de casos de transtorno mental desses profissionais foi registrado entre janeiro e junho dos anos de 2014 e 2015. Em seus principais resultados, o estudo relacionou esse alto número de casos com os fatores psicossomáticos do estresse e pelo contexto de vida desse grupo, principalmente quando estão no próprio local de trabalho. Além disso, os autores observaram que apesar de serem acometidos por outras doenças, os adoecimentos psíquicos são de fato os mais recorrentes dentre esses trabalhadores (SOBRINHO et al., 2020). Por sua vez, a investigação de Medeiros

et al. (2017), desenvolvida com mais de 100 motoristas, constatou que o estresse ocupacional desse público estava relacionado com “o tempo de serviço, excessiva carga horária diária, inexistência de horário para o descanso e a péssima qualidade de sono” (Medeiros et al., 2017, p. 108).

No âmbito internacional, uma pesquisa feita com motoristas em um terminal de ônibus da cidade de Mumbai (TAKLIKAR, 2016), identificou que a maioria dos motoristas entrevistados apresentaram um nível de estresse ocupacional de moderado a alto. Além disso, observou-se que a hipertensão, problemas musculoesqueléticos e gastrointestinais, como as dores no joelho e a indigestão, respectivamente, tiveram maior prevalência entre motoristas com alto nível de estresse, demonstrando correlação entre essa ocupação¹ e o adoecimento (TAKLIKAR, 2016).

Koohpaei e Khandan (2014) buscaram avaliar a saúde mental de motoristas de ônibus em Qom, no Irã, através do *General Health Questionnaire - GHQ* (Questionário de Saúde Geral - QSG), instrumento que serve como facilitador na detecção de adoecimentos psiquiátricos (HELENO; BORGES; AGULLÓ-TOMÁS, 2020; KOOHPAEI; KHANDAN, 2014). Os resultados da pesquisa demonstraram que fatores como “insônia e ansiedade, disfunção social e depressão foram relatados em 33,64%, 40,65%, 50,93% e 13,08% dos motoristas estudados, respectivamente” (KOOHPAEI; KHANDAN, 2014, p. 38).

Apesar de terem objetivos e contextos distintos, os estudos citados acima apontam para conclusões parecidas, reafirmando que o adoecimento e as consequências do trabalho como motorista de ônibus estão de alguma forma correlacionados. Considerando que a Terapia Ocupacional (TO) é uma profissão de caráter interdisciplinar e que compreende o sujeito sob uma perspectiva biopsicossocial (CREFITO 1, s. d.), o Terapeuta Ocupacional do Trabalho, conforme denominado pela resolução nº 459 de novembro de 2015 (COFFITO, 2015), atua dentre outras maneiras através da: “avaliação da capacidade para o trabalho orientada pela CIF, considerando os componentes de desempenho ocupacional, os comprometimentos das Atividades de Vida Diária (AVDs) e das Atividades Instrumentais de Vida Diária (AIVDs)” (COFFITO, 2015, s. p.). Dessa forma, no campo da saúde do trabalhador, a TO se insere de maneira a prevenir o adoecimento decorrente das atividades laborais e a reabilitar os trabalhadores já enfermos (SILVA; VENDRÚSCULO-FANGEL; RODRIGUES, 2016).

A partir dessas considerações, o presente trabalho tem como objetivo investigar na literatura quais são os principais fatores que influenciam no sofrimento psíquico de trabalhadores do transporte público.

¹ “Atividades de vida diária nas quais as pessoas se envolvem. As ocupações ocorrem em contextos e são influenciadas pela interação entre fatores de clientes, habilidades de desempenho e áreas de desempenho” (AOTA, 2015, p. 45).

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Investigar na literatura quais são os principais fatores que influenciam no sofrimento psíquico de trabalhadores do transporte público.

2.2 Objetivos específicos

- Apontar os principais motivos de adoecimento mental relacionados ao trabalho de profissionais do transporte coletivo público;
- Identificar de que maneira as relações de trabalho exercem influência no cotidiano² e na saúde desses profissionais;
- Apresentar a relação entre as condições de trabalho e o cotidiano desse público;

² “O cotidiano é um espaço-tempo no qual o sujeito, individual ou coletivo, de modo imediato e nem sempre consciente, acessa oportunidades e recursos, enfrenta adversidades e limites, toma decisões, adota mecanismos de resistência e inventa novos modos de ser, estar, viver e fazer.” (GALHEIGO, 2020, p. 7).

3 MÉTODO

3.1 Tipo de pesquisa

Trata-se de um estudo de revisão narrativa da literatura, com uma abordagem qualitativa e descritiva, de maneira a enfatizar os fenômenos e conceitos a fim de responder ao objetivo de pesquisa. De acordo com Rother (2007), esse tipo de revisão atua de forma relevante no processo de educação continuada por ter caráter amplo e por possibilitar que o leitor se informe e aperfeiçoe seus conhecimentos em relação ao tema proposto.

3.2 Procedimentos de busca

As buscas foram realizadas em quatro bases de dados bibliográficos: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Scientific Electronic Library Online (SciELO), La Referencia e Portal de Periódicos da Capes. Os descritores utilizados foram: saúde mental e motorist*, empregados de forma combinada e respeitando os critérios de reconhecimento de cada base de dados. A consulta ocorreu com a ferramenta de busca avançada e em estudos que continham o termo “motorist*” em seu título. A Tabela 1, a seguir, apresenta as estratégias de busca aplicadas neste estudo.

Tabela 1. Estratégia de busca utilizada em cada base de dados.

Base de dados	Estratégia de busca
BVS	(saúde mental) AND (ti:(motorist*))
CAPEL	“saúde mental” AND motorist*
La Referencia	saúde mental AND motorist*
SciELO	("saúde mental") AND (ti:(motorist*))

3.3 Critérios de inclusão e exclusão

Foram incluídos estudos em formato de artigo científico, com disponibilidade de texto completo, publicados nos últimos 10 anos (2011 a 2021). Como critérios de exclusão, optou-se por descartar estudos de revisão, teses, dissertações, monografias, editoriais e artigos em duplicidade.

3.4 Análise de dados

Após recuperados, os dados obtidos passaram por três etapas de exploração baseadas na técnica de Bardin (2016) para realizar análise de conteúdo, são elas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados e interpretação.

A primeira etapa consistiu na seleção dos documentos a partir da leitura dos títulos e resumos de cada estudo, bem como na exclusão de materiais repetidos. Em seguida, durante a fase de exploração do material, os estudos selecionados foram lidos na íntegra e categorizados de acordo com temáticas em comum. Por fim, o material passou pela etapa de interpretação em que os dados foram sintetizados e elucidados de acordo com as categorias pré-estabelecidas, servindo de base para a estruturação da escrita deste trabalho. Vale ressaltar que o processo de exclusão ocorreu durante as duas primeiras etapas.

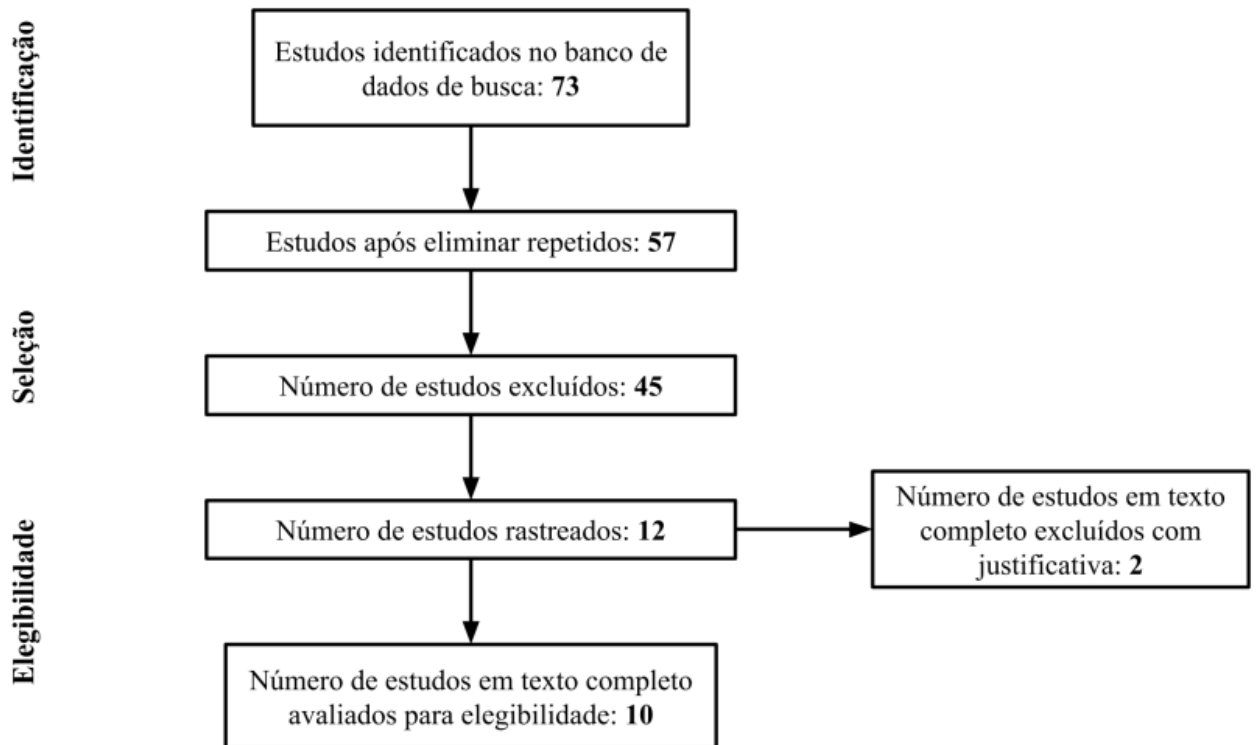


Figura 1. Fluxograma da amostra do estudo.

3.5 Procedimentos éticos

Por se tratar de uma pesquisa de natureza pública com administração de dados secundários, não foi necessária a apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir do levantamento bibliográfico, encontraram-se no total 10 estudos elegíveis para compor essa revisão, conforme apresentados na Tabela 2, a seguir.

Tabela 2. Artigos selecionados para a revisão.

Nº	Título	Autor/ano	Resultados	Base de dados
1	As condições de trabalho e o mundo da vida de motoristas de ônibus: estudo fenomenológico	ALCÂNTARA; SILVA; PEREIRA, 2016	Os motoristas destacam o relacionamento interpessoal como fator importante para ter um bom dia de trabalho. A percepção do seu mundo da vida se dá a partir de suas condições sócio-históricas, existenciais. Também estão ligadas às condições econômicas e de subsistência relativas ao trabalho e renda.	BVS
2	A qualidade de vida para motoristas de ônibus: entre a saúde e o trabalho	ALCÂNTARA et al., 2016	Para os motoristas de ônibus, a qualidade de vida foi ameaçada pela insatisfação quanto à condição ergonômica dos ônibus em que trabalham e é influenciada pela percepção de valorização profissional mediante melhores salários	SciELO
3	O trabalho no trânsito e a saúde dos motoristas de ônibus: estudo fenomenológico	ALCÂNTARA et al., 2020	As relações interpessoais no trânsito impactam diretamente o estado físico e psicológico, e a relação com o tempo influencia o comportamento dos condutores.	SciELO
4	Condições de trabalho nos ônibus e os transtornos mentais comuns em motoristas e cobradores: Região Metropolitana de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, 2012	ASSUNÇÃO; SILVA, 2013	Trânsito ruim perdeu significância estatística na análise multivariável; renda mais elevada e condições de trabalho e de segurança inadequadas mantiveram-se associadas ao desfecho. Comportamentos nocivos e situação vulnerável de saúde foram associados com TMC	BVS
5	Avaliação de riscos ocupacionais de motorista de ônibus intermunicipal: um estudo de caso no Estado do Pará	BERMUDES; MINETTE; CUNHA, 2019	Os resultados identificaram o risco de ruído de até 82 dB(A) e a vibração de corpo inteiro máxima de 10,20 m.s-1,75 resultados esses inferiores ao limite de tolerância, porém superior ao nível de ação, que indica a necessidade de adoção de medidas de controle. O risco ergonômico foi avaliado como médio, sendo também recomendadas ações de controle	Capex

6	Sentidos do trabalho e do afastamento por problemas de saúde mental para motoristas de transporte coletivo urbano: um estudo de caso	GONÇALVES; BUAES, 2011	Os resultados apontam para o caráter polifônico das narrativas dos trabalhadores. O trabalho de motorista é associado à realização de um sonho, ao sustento e ao status conferido por ser motorista dessa empresa.	BVS
7	Nível de estresse e principais estressores do motorista de transporte coletivo	MARTINS; LOPES; FARINA, 2014	Neste estudo, é encontrado um baixo índice de estresse quando comparado a outras pesquisas, que foi identificado em 27,5% dos motoristas estudados. Verifica-se que a maior parte da amostra encontra-se na fase de resistência e que há a prevalência de sintomas psicológicos. Nesta população, os estressores estão relacionados ao exercício da profissão, e às condições e organização do trabalho	SciELO
8	Stresse e stressores motoristas de autocarros	MEDEIROS et al., 2017	Dos stressados, 75,6% estão na fase de resistência e 18,6% na fase de exaustão. Houve associação do stresse e das suas fases com o tempo de trabalho na empresa ($p = 0,016$), tempo de descanso durante o horário de trabalho ($p < 0,001$), qualidade do sono ($p = 0,001$) e autoavaliação da saúde ($p < 0,001$).	Capes
9	Representação do autocuidado da saúde no trabalho de motoristas de ônibus urbano em Guadalajara, México	SOLIS et al., 2017	Os resultados indicam que, estruturalmente, a representação centra-se na alimentação, com o repouso e os cuidados corretivos à saúde aparecendo em níveis periféricos.	SciELO
10	Assédio moral no trabalho e sofrimento psíquico em motoristas de ônibus	SILVA et al., 2020	Os resultados apontam que o assédio moral no trabalho causa o sofrimento psíquico e é causa direta dos transtornos mentais comuns (TMC) nos motoristas	La referencia

Fonte: Dados da pesquisa.

Após a leitura criteriosa da amostra e de modo a favorecer a organização e escrita deste trabalho, optou-se por reunir os achados em três categorias que refletiram os fatores que influenciaram no adoecimento mental de profissionais do transporte coletivo público, a saber:

1) Dos ruídos ao atendimento ao público: condições de trabalho que adoecem; 2) Promoção de

saúde e prevenção de adoecimento: o papel das organizações institucionais e 3) Estilo de vida, relações familiares e autocuidado: a dimensão individual.

4.1 Categoria 1. Dos ruídos ao atendimento ao público: condições de trabalho que adoecem

Alguns estudos verificaram que fatores intrínsecos ao ambiente, tais como: os desconfortos ergonômico, térmico e sonoro estão associados ao desenvolvimento de Transtornos Mentais Comuns (TMC) (ASSUNÇÃO; SILVA, 2013), ameaçando a qualidade de vida no trabalho desses profissionais (ALCÂNTARA; et al., 2016; MARTINS; LOPES; FARINA, 2014). Entre os achados foi possível detectar que a impossibilidade de ajuste nos bancos e pedais, precariedade mecânica do veículo, intensidade e frequência de ruídos e vibrações são queixas frequentes dos trabalhadores (ALCÂNTARA; et al., 2016; ASSUNÇÃO; SILVA, 2013; BERMUDES; MINETTE; CUNHA, 2019).

A pesquisa de Bermudes, Minette e Cunha (2019), identificou através de uma avaliação ergonômica que ao acionar os pedais do veículo, o corpo do motorista perde o alinhamento postural com frequência, bem como, realiza movimentos repetitivos para o manuseio e condução do ônibus, oferecendo risco para a saúde ocupacional.

Assunção e Silva (2013), afirmam que “vibração, ruído, iluminação inadequada degradam o desempenho psicossensorial” (ASSUNÇÃO; SILVA, 2013, p. 2482), em complemento, Bermudes, Minette e Cunha (2019) demonstram que além da perda auditiva, os ruídos podem interferir no desempenho das tarefas e modificar o comportamento social. Entre os relatos do estudo de Alcântara, Silva e Pereira (2016), houveram demandas em relação aos uniformes e ao clima quente, principalmente no público feminino, uma vez que dirigir durante todo o dia é uma tarefa cansativa que se torna mais exaustiva sob tais condições climáticas (ALCÂNTARA; SILVA; PEREIRA, 2016).

Para Assunção e Silva (2013, p. 2482), “a sensação de desconforto e a perturbação na comunicação verbal, esta por vezes imprescindíveis para a realização da tarefa, estão na origem da irritabilidade, da dificuldade de concentração e dos erros”. Tais condições são capazes de interromper a qualidade do sono dos indivíduos, deixando-os mais vulneráveis ao adoecimento (ASSUNÇÃO; SILVA, 2013). Bermudes, Minette e Cunha (2019) sugerem que as empresas tomem responsabilidade e realizem manutenção nos veículos assim como, exames periódicos nos profissionais a fim de minimizar os riscos e oferecer proteção ao trabalhador.

Além disso, os resultados da pesquisa de Alcântara et al. (2020) indicaram que a boa condução no trânsito é essencial para garantir a segurança tanto do profissional quanto do

passageiro, o que acaba acarretando um nível maior de responsabilidade e estresse ocupacional. De encontro a isso, Martins, Lopes e Farina (2014), afirmam que:

Para assegurar a segurança de quem transporta e dos demais pedestres e condutores, o motorista de transporte coletivo deve estar atento ao ambiente, o que envolve: os motoqueiros, motoristas de carros de passeio, ciclistas, o congestionamento, van escolar, táxi-lotação e faixa de pedestres. E às condições e organização do trabalho: sono, saúde, medo de perder o emprego, assaltos, o risco de acidentes, problemas com o veículo, medo de cometer infrações e morrer durante a jornada de trabalho. Além de fatores pessoais como: preocupação com contas a pagar e problemas familiares. (MARTINS; LOPES; FARINA, 2014, p. 533).

Para além desses fatores, o congestionamento foi identificado pela pesquisa de Martins, Lopes e Farina (2014) como um dos principais estressores por afetar diretamente o cumprimento de horários programados. Esse aspecto está relacionado “a pressa que marca a vida contemporânea” uma vez que a sensação de perder tempo na atualidade, pode influenciar um comportamento grosseiro dos condutores (ALCÂNTARA et al., 2020, p. 166). A falta de educação, assim como a falta de gentileza no trânsito prejudica os motoristas de ônibus, isso ocorre pois além das preocupações individuais, existe o medo de cometer infrações, ao não cumprimento dos horários determinados pela empresa e o risco de acidentes (ALCÂNTARA et al., 2020; MARTINS; LOPES; FARINA, 2014).

Somado a isso, encontram-se também os riscos de assalto, discussões com passageiros e outras violências no ambiente interno do ônibus (ALCÂNTARA; SILVA; PEREIRA, 2016; ALCÂNTARA et al., 2020; MARTINS; LOPES; FARINA, 2014; SILVA et al., 2020). De acordo com os relatos coletados por Alcântara et al. (2020), a violência urbana é um ponto negativo desse ofício e que por ser vivenciada diariamente, acaba se tornando comum, fazendo com que os motoristas se adaptem a essas condições (ALCÂNTARA et al., 2020). Observou-se ainda que a insegurança por risco de assaltos também é um fator de risco para a saúde desses colaboradores, em sua pesquisa, Martins, Lopes e Farina (2014) identificaram que tanto para profissionais com sintomas de estresse quanto os que não têm, a segurança dos passageiros foi indicada entre os fatores que mais influenciam para o aparecimento dessa condição.

Além do fator de segurança pública relacionada aos assaltos e a violência física, a amostra de artigos revelou também que existe uma causalidade entre o sofrimento psíquico e a violência por assédio moral (SILVA et al., 2020). Esse assédio pode se dar ainda do ponto de vista organizacional, ou seja, por meio de práticas e ações de violência que fazem o trabalhador acreditar que tais atos fazem parte da atividade laboral, de forma a “naturalizar o assédio”

(SILVA et al., 2020, p. 29). É importante ressaltar que por ter um impacto subjetivo, dificilmente os profissionais irão relacionar o sofrimento psíquico ao assédio no trabalho, tal como mostra a pesquisa de Silva et al. (2020):

O assédio moral, a princípio, impacta aspectos mais subjetivos do trabalhador, numa tendência a ocorrer de forma processual, dificultando mensurar o ato a fim de identificá-lo, controlá-lo e eliminá-lo, resultado do próprio modo velado como as organizações de trabalho vem estruturando seus processos de trabalho. Como mostram os dados desta pesquisa ao revelar que os motoristas percebem que sofrem, relacionam o sofrimento ao trabalho, mas não conseguem perceber que o sofrimento advém especificamente do assédio moral. (SILVA et al., 2020, p. 30).

Entre os efeitos desse tipo de violência, destacam-se o baixo estímulo para as atividades laborais, queda de rendimento, pedido de demissão e desenvolvimento de TMC (SILVA et al., 2020). Em alguns casos, “a própria ausência de conhecimento sobre o que é assédio moral torna-se elemento favorável à manutenção e estruturação da prática” (SILVA et al., 2020, p. 29). Demonstrando novamente a importância e necessidade de ações de conscientização e encorajamento a fazer denúncias, vindas da própria empresa a fim de prezar pelo bem-estar e saúde do trabalhador (SILVA et al., 2020).

Por fim, a amostra revelou que o relacionamento interpessoal e o atendimento ao público também se apresentam como risco à saúde mental (ALCÂNTARA; SILVA; PEREIRA, 2016, ALCÂNTARA et al., 2016; ALCÂNTARA et al., 2020; ASSUNÇÃO; SILVA, 2013). A pesquisa de Alcântara et al. (2020), identificou que a grande parte das queixas dos profissionais entrevistados estava relacionada a educação dos passageiros exemplificados pelos trechos: “Tem pessoas educadas que aliviam seu dia, aí vem atrás de quem foi estressado com você e coloca a mão no ombro e diz “não liga não” (ALCÂNTARA et al., 2020, p. 163) e “Os modos das pessoas, a educação, essas coisas. Tem pessoas aí que são horríveis. Mas, sendo a minha profissão, eu não tenho muito o que falar, porque é a profissão que eu escolhi” (ALCÂNTARA et al., 2020, p. 163). Segundo os Alcântara et al. (2020), essas circunstâncias podem favorecer tanto o bem-estar quanto o adoecimento, consequência de um cotidiano marcado pela complexidade de lidar com o público (ALCÂNTARA; et al., 2016; ALCÂNTARA et al., 2020).

A amostra revelou que as condições de trabalho desses trabalhadores podem ser um fator de risco determinante para o desenvolvimento de adoecimento físico e mental, indo de encontro aos estudos de Souza et al. (2017) que identificou que as condições físicas, químicas, ergonômicas e mecânicas são classificadas como risco ocupacional. De acordo com essa análise, “as vibrações, o monóxido de carbono, condições de assentos e movimentos repetitivos

dos membros superiores são os fatores que possuem o grau de risco mais elevado” (SOUZA et al., 2017, p. 16) e por essa razão, são os que interferem de forma mais significativa na saúde.

Pereira, Salles e Passos (2010), destacam que a violência é um aspecto que afeta a saúde dessa categoria profissional e atribuem esse fenômeno ao contato com os usuários do serviço, que contribuem para que o ambiente se torne um local de disseminação de violência, gerando "desconforto, insatisfação e sofrimento no trabalho” (PEREIRA; SALLES; PASSOS, 2010, p. 906). Em complemento, Assunção e Medeiros (2015), observaram que os atos de violência nesses espaços podem estar relacionados também com o trânsito ruim e a exposição à vibração, temperatura e iluminação inadequadas. Os autores identificaram que tais achados, apesar de inéditos, reforçam que existem riscos físicos e psicossociais nessa ocupação, estabelecendo uma variável para o adoecimento desses profissionais e para a queda da qualidade na prestação do serviço (ASSUNÇÃO; MEDEIROS, 2015). Além disso, Costa et al. (2003) apresentou que a ocorrência de situações de violência nos ônibus se tornou normalidade quando na verdade, deveriam servir como um alerta e “mobilizar a sociedade e os poderes públicos a tomarem providências enérgicas, pois coloca em risco não só a saúde do motorista, como também sua vida e a dos passageiros” (COSTA et al., 2003, p.66).

Referente ao relacionamento interpessoal no trabalho, Battiston, Cruz e Hoffmann (2006), relatam que essa convivência com passageiros, fiscais e outros motoristas pode se tornar difícil devido à imprevisibilidade do público. Os autores relatam que a insatisfação dos passageiros, a pressão da supervisão de agente fiscalizador e a imprudência dos demais condutores, aumenta a responsabilidade dos motoristas, e por consequência, ocasiona medo, inquietação e esgotamento (BATTISTON; CRUZ; HOFFMANN, 2006). Nesse sentido, Silva e Zavarize (2017), observaram que parte dos profissionais, apesar de demonstrar calma e agir com responsabilidade, apresentam irritabilidade ao vivenciar uma situação conflituosa com os passageiros, sustentando que o atendimento ao público pode se tornar um risco para a saúde psíquica desses trabalhadores.

4.2 Categoria 2. Promoção de saúde e prevenção de adoecimento: o papel das organizações institucionais

De acordo com os achados, aspectos relacionados à empresa, tais como: ações organizacionais de cuidado em saúde, jornada de trabalho, tempo de descanso, relacionamento com a chefia e o valor do salário, são essenciais para manter a qualidade de vida no trabalho (ALCÂNTARA; SILVA; PEREIRA, 2016; ALCÂNTARA et al., 2016; ALCÂNTARA et al., 2020; ASSUNÇÃO; SILVA, 2013; GONÇALVES; BUAES, 2011; MARTINS; LOPES; FARINA, 2014;

SILVA et al., 2020). Isso acontece porque as instituições têm o dever de oferecer aos funcionários os meios necessários e suficientes para que alcancem o seu potencial profissional e interpessoal (ALCÂNTARA et al., 2020). Segundo Alcântara et al. (2020), esse contexto favorece a sensação de segurança e bem-estar, quando esse dever não é cumprido, cria-se uma barreira para satisfação no trabalho, abrindo espaço para o descontentamento, a queda de desempenho, o afastamento e o estresse ocupacional.

Em relação às ações organizacionais e de cuidado em saúde, constatou-se que as pressões cotidianas ligadas à relação interpessoal entre empresa, chefia e colaborador também possuem um papel importante na saúde (ALCÂNTARA; SILVA; PEREIRA, 2016; ALCÂNTARA; et al., 2016; ALCÂNTARA et al., 2020; GONÇALVES; BUAES, 2011). Segundo Gonçalves e Buaes (2011), uma empresa funciona como um grupo social e a existência de relações desiguais, seja entre funcionário e chefia ou na relação funcionário-funcionário, pode interferir na saúde desses profissionais. Essas desigualdades podem ser manifestadas em diferentes formas, como na extensão da jornada de trabalho, no pouco tempo de descanso disponível, nas demandas e exigências de chefias, órgãos fiscalizadores, colegas de trabalho assim como, na valorização da profissão e percepção de lugar dentro da empresa (ALCÂNTARA; SILVA; PEREIRA, 2016; ALCÂNTARA; et al., 2016; GONÇALVES; BUAES, 2011; MARTINS; LOPES; FARINA, 2014; MEDEIROS et al., 2017).

Outro fator recorrente nos textos analisados, deu-se em relação ao empenho das empresas em criar ferramentas de suporte para garantir o bem-estar e a produtividade dos funcionários (ALCÂNTARA; et al., 2016; ALCÂNTARA et al., 2020). Segundo Alcântara et al. (2020), em algumas instituições os psicólogos e o setor médico estão majoritariamente encarregados de realizar testes admissionais, demissionais e validação de atestados, deixando de oferecer medidas de cuidado e negligenciando as condições de saúde dos profissionais. (ALCÂNTARA; et al., 2016; ALCÂNTARA et al., 2020; GONÇALVES; BUAES, 2011). De acordo com Alcântara et al. (2016):

Toda energia pulsional acumulada necessita de uma via de descarga, isto é, precisa ser canalizada de maneira apropriada. Esta via de descarga o trabalhador deveria encontrar na própria organização do seu trabalho a fim de assegurar um equilíbrio, rebaixando a tensão e conseqüentemente diminuindo a carga psíquica (ALCÂNTARA; et al., 2016, p. 3).

De maneira geral, a atenção à saúde tem um impacto positivo nas organizações pois tem a capacidade de amenizar condições maléficas do trabalho e ao mesmo tempo promover a

qualidade de vida (ALCÂNTARA et al., 2020; GONÇALVES; BUAES, 2011). Para isso, é necessário que as empresas estejam atentas às queixas de seus colaboradores, utilizando de uma gestão que participa ativamente na construção desse relacionamento (ALCÂNTARA et al., 2016). Ações como a escuta especializada, consultorias profissionais, ginástica laboral, atividades em grupos, treinamento motivacionais, recursos internos de autoavaliação e satisfação pessoal assim como, ações estratégicas em saúde mental, foram identificadas nos artigos como favoráveis à promoção da saúde do trabalhador nesses espaços (ALCÂNTARA; SILVA; PEREIRA, 2016; ALCÂNTARA; et al., 2016; ALCÂNTARA et al., 2020; GONÇALVES; BUAES, 2011). Entretanto, esse planejamento deve ser realizado em conjunto com os profissionais e com o foco na valorização desse ofício, destacando a importância da profissão visando o bem-estar, qualidade de vida e saúde no trabalho (ALCÂNTARA; SILVA; PEREIRA, 2016; ALCÂNTARA; et al., 2016; ALCÂNTARA et al., 2020).

A demanda salarial também demonstrou ser um associado importante para o acometimento da saúde mental, uma vez que para aumentar a renda, parte desses profissionais buscam atuar em turnos extra e por consequência, em escalas de trabalho mais exaustivas (ALCÂNTARA; SILVA; PEREIRA, 2016). Essa reivindicação pode ser evidenciada nas falas dos profissionais entrevistados nos estudos 1 e 2, como nos exemplos “Salário mais digno para transportar vidas e condições mais justas para o exercício da função” (ALCÂNTARA; SILVA; PEREIRA, 2016, p. 3) e “Condição de trabalho dos coletivos, melhores salários para todos. Maior empenho de toda classe e maior empenho das autoridades competentes, inclusive do sindicato dos rodoviários” (ALCÂNTARA; et al., 2016, p. 103).

O estudo de Gonçalves e Buaes (2011), revela que dentre os diversos significados atribuídos ao trabalho, a questão salarial emerge com frequência e está relacionada com o sustento individual e familiar desses trabalhadores. Em complemento, Alcântara, Silva e Pereira (2016) afirmam que “para os trabalhadores o salário está diretamente ligado à valorização da atividade e uma resposta à sua importância na sociedade” (ALCÂNTARA; SILVA; PEREIRA, 2016, p. 3). Considerando o peso e o valor que o trabalho possui para a existência, é importante ponderar que ao se atribuir um significado unicamente financeiro ao ofício, isto é, sem que o profissional participe e esteja consciente de sua colaboração, abre-se espaço para a alienação e consequentemente para desgaste físico, emocional e para a insatisfação com a profissão (GONÇALVES; BUAES, 2011; MEDEIROS et al., 2017).

Em um comparativo com outros estudos, observou-se que o salário, a falta de reconhecimento pelo trabalho, jornada de trabalho e inflexibilidade da empresa, são considerados fatores insatisfatórios nessa profissão (SILVEIRA; ABREU; SANTOS, 2014).

Os autores sugerem que as empresas se utilizem de “outros componentes de recompensa, como elogios e acesso a programas de capacitação, bem como reavaliar os benefícios sociais que oferece, seja para medir seu valor, seja para flexibilizá-los” (SILVEIRA; ABREU; SANTOS, 2014, p. 176). Além disso, é importante que essas instituições sejam capazes de reduzir os estressores no ambiente de trabalho, a saber:

O barulho e o calor, a imprevisibilidade nas tarefas e a indefinição de linha e do horário em que o motorista irá trabalhar, oferecer um ambiente físico que propicie o desenvolvimento de atividades recreacionais e sociais durante as horas livres, oferecer recompensas tangíveis como bônus e folga, monitorar sinais de potenciais estresse para prevenir o estresse antes que se instale, cuidar para que as instalações de apoio sejam adequadas ao atendimento das necessidades fisiológicas e fornecer orientação sobre a importância de atividade física, alimentação balanceada e hábitos de vida prejudiciais à saúde, como o consumo exagerado da bebida e do cigarro (SILVEIRA; ABREU; SANTOS, 2014, p. 177).

Cruz (1998) apresenta, mesmo que com uma perspectiva empresarial, que todo o quadro de funcionários exerce uma função importante dentro dessas instituições, entretanto a do motorista é considerada essencial, e por isso, é crucial que a gestão esteja atenta ao cuidado com tais profissionais. De forma a reforçar os achados do presente estudo, Silva e Zavarize (2017), afirmam que os dados relacionados à exaustão, estresse e adoecimento dos colaboradores devem ser direcionados tanto à empresa quanto para os demais órgãos competentes, a fim de viabilizar a criação de estratégias de enfrentamento e de garantir melhor qualidade de vida para esses profissionais.

4.3 Categoria 3. Estilo de vida, relações familiares e autocuidado: a dimensão individual

Os artigos evidenciaram que o estilo de vida, o bem-estar familiar e o autocuidado também são coeficientes importantes relacionados à manifestação de adoecimento mental (ALCÂNTARA; SILVA; PEREIRA, 2016; ALCÂNTARA; et al., 2016; ALCÂNTARA et al., 2020; ASSUNÇÃO; SILVA, 2013; GONÇALVES; BUAES, 2011; MARTINS; LOPES; FARINA, 2014; MEDEIROS et al., 2017; SOLIS et al., 2017).

De acordo com a pesquisa de Assunção e Silva (2013) com motoristas e cobradores da região metropolitana de Belo Horizonte (MG), foi observada uma correlação positiva entre a existência de TMC com o estilo de vida desses trabalhadores. Nesse estudo, do total de 1.587 profissionais entrevistados, 450 afirmaram não participar de atividades socioculturais e 818 indicaram não praticar nenhuma atividade física. Além disso, 211 participantes identificaram

estar sob suspeição de uso abusivo de álcool e 254 se declararam fumantes. Por sua vez, o estudo de Medeiros et al. (2017), realizado com 321 motoristas, revelou que mais 100 destes, não destinavam parte do seu tempo para atividades de lazer e cerca de 240 apresentaram hábitos etílicos.

A prática de atividade física exerce influência sobre os sistemas do organismo, agindo de forma a diminuir resposta ao estresse e assim, reduzindo o risco para diversas morbidades, dentre elas, os transtornos mentais (ASSUNÇÃO; SILVA, 2013). Da mesma maneira, a participação em atividades sociais e de lazer demonstrou ser essencial para manter a qualidade de vida, visto que essas atribuições oferecem um momento de descontração, relaxamento e alívio de estresse (ASSUNÇÃO; SILVA, 2013; MEDEIROS et al., 2017). É importante aqui reafirmar a importância da participação da própria empresa de ônibus na criação de ações com o objetivo de minimizar os efeitos adoecedores da prática profissional, tal como apresentado anteriormente (ALCÂNTARA; SILVA; PEREIRA, 2016; ALCÂNTARA; et al., 2016; ALCÂNTARA et al., 2020; GONÇALVES; BUAES, 2011; MARTINS; LOPES; FARINA, 2014; SILVA et al., 2020).

Em relação ao uso de álcool, Assunção e Silva (2013) observaram em sua pesquisa que existe relação entre o uso abusivo da substância para com o desfecho de TMC, ou seja, exerce influência no adoecimento psíquico. Em complemento, Medeiros et al. (2017) afirma que apesar de considerado como momento de lazer e realizado em dias de folga, esse uso oferece consequências para o trabalho, tais como o absenteísmo, acidentes de trabalho e licenças de emprego por doença, reafirmando que esse comportamento é considerado nocivo para a saúde mental desses profissionais.

Assim como os hábitos de vida, o bem-estar familiar se mostrou um elemento relevante no que diz respeito à saúde no trabalho (ALCÂNTARA; SILVA; PEREIRA, 2016; ALCÂNTARA; et al., 2016; ALCÂNTARA et al., 2020; GONÇALVES; BUAES, 2011; MARTINS; LOPES; FARINA, 2014). A pesquisa de Alcântara, Silva e Pereira (2016) constatou que as questões familiares estão entre as principais causas do absenteísmo bem como, Martins, Lopes e Farina (2014) em seus achados, identificaram que a maioria dos motoristas com sintomas de estresse de determinada empresa do País, a maioria afirmou que os problemas familiares estavam associados às causas do estresse vivenciado.

A partir disso, é possível afirmar que o trabalho e a família desses profissionais estão associados em uma dinâmica mútua de dependência, significa dizer que o estresse acumulado no trabalho pode interferir nas relações familiares e vice-versa (ALCÂNTARA et al., 2020; GONÇALVES; BUAES, 2011). Esse fenômeno é intensificado quando associado ao sexo

feminino, visto que diversos papéis ocupacionais são atribuídos socialmente as mulheres e por essa razão, esse público é atingido por problemas de saúde mental de maneira desproporcional aos homens (ASSUNÇÃO; SILVA, 2013).

Os múltiplos papéis e funções relacionados ao gênero feminino, como gestação, cuidados domésticos, acompanhamento dos filhos e demais familiares, emprego em condições precárias, somados à discriminação social quando não se encaixam perfeitamente nos papéis a elas atribuídos são fatores que tornam as mulheres mais vulneráveis aos TMC (ASSUNÇÃO; SILVA, 2013, p. 2483).

Segundo os achados de Alcântara et al. (2016), parte dos motoristas acredita que a qualidade de vida está intimamente ligada ao bom relacionamento familiar, ao ato de constituir uma família e poder recorrer a ela em momentos de ansiedade e estresse gerados pela atuação profissional. Por outro lado, há quem prefira separar essas duas dimensões a fim de estabelecer dois ambientes seguros e livres de interferência um do outro (GONÇALVES; BUAES, 2011). Independentemente de como se dá a relação entre o ambiente familiar e o ambiente de trabalho, o fato é que a família como instituição, exerce um papel importante de suporte e ponto de equilíbrio para esses profissionais (ALCÂNTARA et al., 2016) e portanto, podem ser identificadas tanto como fator de proteção quanto de risco para o adoecimento.

No que se refere às ações de autocuidado, o artigo de Solis et al. (2017) se propôs a “analisar as representações sociais do autocuidado com a saúde no trabalho em motoristas de ônibus urbanos de Guadalajara, México” (SOLIS et al., 2017, p.1). Em seus resultados, os autores observaram que a alimentação, o sono e os cuidados com a saúde foram os elementos centrais que emergiram da pesquisa. Na área de alimentação, o estudo afirma que devido às condições e a jornada de trabalho, não há um tempo destinado para o consumo de alimentos, logo, existe uma predileção por uma alimentação rápida e de fácil acesso, conseqüentemente, menos saudável (SOLIS et al., 2017). Sobre o tempo de sono e descanso, o estudo reforçou a importância de manter uma rotina de sono de qualidade para o organismo e ressaltou que muitas vezes, esse tempo de descanso é interrompido devido às escalas e horário de trabalho (SOLIS et al., 2017). Por fim, os autores constataram que os cuidados com a saúde para os profissionais entrevistados estavam relacionados principalmente ao uso de medicamentos para o controle de doenças crônicas, negligenciando as consultas e exames de rotina e demais ações de prevenção.

As práticas de autocuidado de saúde no trabalho mencionadas pelos informantes foram variadas, incluindo ações como o uso de vermífugos,

vitaminas, uso de óculos escuros para os cuidados com a visão, protetor solar e evitar jornadas extras de trabalho (SOLIS et al., 2017, p. 8).

As pesquisas constataram ainda, que a qualidade do sono e da autoavaliação da saúde dos participantes estavam associadas ao estresse no trabalho (MARTINS; LOPES; FARINA, 2014; MEDEIROS et al., 2017). Dentre os resultados, observou-se que à medida que a qualidade do sono e a autoavaliação de saúde foram piores classificadas, os valores referentes ao nível de estresse sofreram um aumento proporcional, significa dizer que quanto pior são os cuidados com a saúde e o tempo de sono e descanso, maior é o nível de estresse ocupacional e interferência na saúde mental (MEDEIROS et al., 2017).

Estudos exteriores aos selecionados para esta revisão, reforçaram que o estilo de vida, o bem-estar familiar e o autocuidado estão de fato interligados com a saúde psíquica dos profissionais que atuam no transporte público. Silva e Silva (2015) afirmam que os obstáculos na articulação entre a profissão e a dimensão familiar não são apenas recorrentes, mas estão correlacionadas ao mal-estar familiar e laboral. Além disso, o estudo de Silva et al. (2016), indicou que a responsabilidade financeira que esses trabalhadores mantêm em seus lares, pode interferir de forma negativa na atuação profissional e na compreensão sobre qualidade de vida, de forma a corroborar com o que foi identificado no presente estudo.

Referente ao estilo de vida, observou-se que o uso abusivo de bebidas alcoólicas, bem como o tabagismo, pode ocasionar cefaleia e insônia, oferecendo riscos para a saúde (SILVA et al., 2016). Além disso, o mesmo estudo observou que o trabalho em transporte coletivo está dentre as ocupações em que o uso abusivo de álcool é mais frequente, tornando-se alarmante a partir da perspectiva da saúde do trabalhador "uma vez que parte expressiva dos profissionais apresentam o uso mesmo com diversas campanhas retratando os malefícios da ingestão de bebidas alcoólicas" (SILVA et al., 2016, p. 61). Sobre a realização de atividades físicas, Silva et al. (2017) apresentou em seus resultados que a taxa dos entrevistados que não alcançaram as recomendações de exercícios físicos em atividades de lazer ou de deslocamento, foi considerada alta. Esses dados são considerados pelos autores como preocupantes uma vez que essas práticas são importantes na manutenção da saúde, sobretudo para os trabalhadores que segundo o estudo "sofrem grandes pressões advindas da atividade laboral que exercem" (SILVA et al., 2017, p. 142).

Os achados de Costa et al. (2003), demonstraram que os problemas relacionados ao sono desses profissionais, foram associados com a jornada de trabalho, o horário irregular, trabalho em turno noturno, ingestão de bebida alcoólica, medo de acidentes, assaltos e de demissão. Em

consonância a esses dados, Silva et al. (2016), identificou em sua pesquisa que parte dos profissionais participantes do estudo, afirmou ter condições de saúde regulares ou ruins. E de acordo com os autores “a relação da percepção da saúde com os domínios de qualidade de vida evidenciou um declínio na qualidade de vida desses trabalhadores no domínio físico” (SILVA et al., 2016, p. 63).

5 CONCLUSÃO

A revisão bibliográfica aqui apresentada, permitiu observar que a qualidade de vida e a saúde mental dos profissionais que atuam no transporte coletivo urbano são influenciadas pelo ambiente micro e macro do trabalho. O levantamento bibliográfico identificou que as condições ergonômicas, ambientais, sonoras e interpessoais relacionadas ao trânsito e ao atendimento ao público, juntamente às ações de suporte e gestão organizacional por parte das empresas assim como o contexto de vida de cada sujeito, podem ser fatores determinantes para o adoecimento mental dessa categoria profissional.

Devido às limitações de carência de pesquisas científicas atuais sobre esse público e a quantidade limitada da amostra, é possível que essa investigação não tenha englobado todas as possíveis influências para o sofrimento psíquico. Apesar disso, este trabalho se adequa a oferecer um caminho para que novos estudos e pesquisas em campo sejam realizadas a fim de reafirmar e fomentar a necessidade do cuidado em saúde para esses profissionais.

No que se refere a atuação do terapeuta ocupacional, é possível afirmar que o cuidado integral com foco no indivíduo, seu contexto e suas ocupações, mostra-se essencial para favorecer o bem-estar, a qualidade de vida e o desempenho ocupacional. Reforçando a necessidade da profissão se apropriar desses espaços e expandir o nome da terapia ocupacional.

Referências

- ALCÂNTARA, V. C. G. et al. O trabalho no trânsito e a saúde dos motoristas de ônibus: estudo fenomenológico. **Av Enferm.** 38 (2):159-16. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.15446/av.enferm.v38n2.81874>. Acesso em: 20 set. 2021.
- ALCÂNTARA, V. C. G. de; SILVA, R. M. R. C. A.; PEREIRA, E. R. As condições de trabalho e o mundo da vida de motoristas de ônibus: estudo fenomenológico. **Rev. Enferm. UERJ**, Rio de Janeiro, 24 (6): 12514. 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuernj/article/view/12514/21468>. Acesso em: 20 set. 2021.
- ALCÂNTARA, V. de. et al. A qualidade de vida para motoristas de ônibus: entre a saúde e o trabalho. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, especial 4, out. 2016. Disponível em: <https://scielo.pt/pdf/rpesm/nspe4/nspe4a15.pdf>. Acesso em: 20 set. 2021.
- ALCÂNTARA, V. L. C.; ANDRADE, V. L. P. de; SILVA, Y. V. da. Saúde mental e a relação entre qualidade de vida e ambiente de trabalho. **Cadernos de Psicologia**, Juiz de Fora, 1(2): 696-713, ago. – dez. 2019. Disponível em: <https://seer.cesjf.br/index.php/cadernospsicologia/article/download/2515/1648>. Acesso em: 16 out. 2020.
- ARAÚJO, T. M. de; PALMA, T. de F.; ARAÚJO, N. C. Vigilância em Saúde Mental e Trabalho no Brasil: características, dificuldades e desafios. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, 22 (10): 3235-3246, out. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232017021003235&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 14 out. 2020.
- ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE TERAPIA OCUPACIONAL – AOTA. Estrutura e prática da terapia ocupacional: domínio & processo. **Rev. Ter. Ocup. Univ.** São Paulo, 26(ed. Esp.):1-49. 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rto/issue/view/7332/287>. Acesso em: 12 nov. 2021.
- ASSUNÇÃO, A. A.; MEDEIROS, A. M. de. Violência a motoristas e cobradores de ônibus metropolitanos, Brasil. **Rev. Saúde Pública**, 49:11. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/ZRFsfMdYGJFkwwZpSMOYMGm/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 19 out. 2021.
- ASSUNÇÃO, A. A.; SILVA, L. S. Condições de trabalho nos ônibus e os transtornos mentais comuns em motoristas e cobradores: Região Metropolitana de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, 2012. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 29(12): 2473-2486. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2013001200012&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 11 abr. 2021.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução RETO, L. A.; PINHEIRO, A. São Paulo: Edições 70. 2016.
- BATTISTON, M.; CRUZ, R. M.; HOFFMANN, M. H. Condições de trabalho e saúde de motoristas de transporte coletivo urbano. **Estudos de psicologia**, Natal, 11(3), dez. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/PqCH38YPNkZFzrxxWGNCLkz/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 out. 2021.
- BERMUDES, W. L.; MINETTE, L. J.; CUNHA, J. R. Avaliação de riscos ocupacionais de motorista

de ônibus intermunicipal: um estudo de caso no Estado do Pará. **Rev. SUSTINERE**, Rio de Janeiro, 7(1): 4-18, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/sustinere/article/view/41782>. Acesso em: 09 abr. 2021.

CONSELHO FEDERAL DE FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL - COFFITO. Resolução nº 459, de 20 de novembro de 2015. Disponível em: <https://www.coffito.gov.br/nsite/?p=3220>. Acesso em: 14 set. 2021.

CONSELHO REGIONAL DE FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL DA PRIMEIRA REGIÃO - CREFITO 1. Terapia ocupacional em saúde do trabalhador. MID Comunicação, s. d. Disponível em: http://www.crefito1.org.br/imagens/revistas/CARTILHA-TO_WEB-terapia-ocupacional-em-saude-trabalhador-2016.pdf. Acesso em: 16 set. 2021.

COSTA, L. B. et al. Morbidade declarada e condições de trabalho: o caso dos motoristas de São Paulo e Belo Horizonte. **São Paulo em perspectiva**, 17(2): 54-67. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/spp/a/VfLH9V6NQqWDydFWfqPfgyG/>. Acesso em: 20 out. 2021.

CRUZ, M. V. G. da. Produção do serviço de transporte público urbano por ônibus: aspectos da organização do trabalho. **RAC**, 2(3): 45-65. 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rac/a/V8XRmZYfvxvYZKBkNvbb8FM/?lang=pt>. Acesso em: 21 out. 2021.

DEJOURS, C. **Organização do Trabalho e Saúde Mental: Quais São as Responsabilidades do Manager?** In: MACÊDO, K. et al. (Org.). Organização do trabalho e adoecimento: uma visão interdisciplinar. Goiânia: PUC de Goiás, Cap. 15: 317 – 331. 2016. Disponível em: <https://www.sindhoesg.org.br/dados/publicacoes/pub0002930-993edad5326a795e940df73fdae59a1.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2021.

GALHEIGO, S. M. Terapia ocupacional, cotidiano e a tessitura da vida: aportes teórico-conceituais para a construção de perspectivas críticas e emancipatórias. **Cad. Bras. de Ter. Ocup.** 28(1): 5-25. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cadbto/a/ZkxfWstJJjbHCBVhdmFdMqB/?lang=en>. Acesso em: 13 nov. 2021.

GIONGO, C. R.; MONTEIRO, J. K.; SOBROSA, G. M. R. Psicodinâmica do trabalho no Brasil: revisão sistemática da literatura. **Temas psicol.** Ribeirão Preto, 23(4): 803-814, dez. 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2015000400002&lng=pt&nrm=iso. Acesso: em 13 out. 2020.

GODINHO, M. R. et al. Capacidade para o trabalho e fatores em profissionais no Brasil. **Rev. Bras. Med. Trab.**, 15(1): 88-100, 2017. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-833595>. Acesso em: 16 out. 2020.

GONÇALVES, J.; BUAES, C. S. Sentidos do trabalho e do afastamento por problemas de saúde mental para motoristas de transporte coletivo urbano: um estudo de caso. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, 14 (2): 195-210. 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1516-37172011000200004&script=sci_abstract. Acesso em: 21 set. 2021.

HELENO, C. T.; BORGES, L. de O.; AGULLO-TOMAS, E. Validade Fatorial do Questionário de Saúde Geral (QSG-28). **Aval. psicol.** Campinas, 19 (3): 322-332, set. 2020. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712020000300011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 28 jul. 2021.

KOOHPAEI, A. R.; KHANDAM, M. Assessment of mental health status and its effective components among professional urban bus drivers in Qom Province, Iran, in 2014. **JOHE**, 4 (1), 34-42, 2015. Disponível em: <http://johe.rums.ac.ir/article-1-148-en.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2021.

KUHNEN; A.; CRUZ, R. M.; TAKASE, E. (Org.) **Interações pessoa-ambiente e saúde**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Acervo/Publicacao/2521>. Acesso em: 10 abr. 2021.

LIMA, K. C. S. et al. Análise preliminar do risco na atividade de motoristas de ônibus em João Pessoa - PB. **XXXVI Encontro Nacional De Engenharia De Produção**, João Pessoa/PB, Brasil, out. 2016. Disponível em: http://www.abepro.org.br/biblioteca/TN_STO_229_339_30050.pdf. Acesso em: 10 abr. 2021.

LOTTERMAN, F.; GIONGO, C. R.; MENEGOTTO, L. M. de O. "A dor ensina a gemer": a banalização da precariedade no trabalho. **Estud. psicol.** (Natal), Natal, 23(4): 346-356, dez. 2018. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2018000400002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 17 out. 2020.

MARTINS, F. de F.; LOPES, R. M. F.; FARINA, M. Nível de estresse e principais estressores do motorista de transporte coletivo. *Bol. Acad. Paulista de Psicologia*, São Paulo, Brasil, 34(87): 523-536. 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bapp/v34n87/a14.pdf>. Acesso em: 21 set. 2021.

MASUMOTO, L. K.; FAIMAN, C. J. S. Saúde mental e trabalho: um levantamento da literatura nacional nas bases de dados em Psicologia da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS). **Saúde, ética & justiça**, 19(1): 1-11, 2014. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/sej/article/view/97126>. Acesso em: 17 out. 2020.

MEDEIROS, S. E. G. de. et al. Stress and stressors in bus drivers. **Revista de Enfermagem Referência**, Série IV (14): 101-110. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.12707/RIV17017>. Acesso em: 25 jul. 2021.

NERI, M.; SOARES, W. L.; SOARES, C. Condições de saúde no setor de transporte rodoviário de cargas e de passageiros: um estudo baseado na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. **Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro**, 21(40): 1107-1123, ago. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2005000400013&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 14 out. 2020.

NEVES, D. R. et al. Sentido e significado do trabalho: uma análise dos artigos publicados em periódicos associados à Scientific Periodicals Electronic Library. **Cad. EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, 16(2): 318-330, jun. 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-39512018000200318&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 15 out. 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE – OMS. **Ambiente de trabalho saudáveis: um modelo para ação: para empregadores, trabalhadores, formuladores de política e profissionais**. OMS;

tradução do Serviço Social da Indústria. Brasília: SESI, 2010. Disponível em:

https://www.who.int/occupational_health/ambientes_de_trabalho.pdf. Acesso em: 15 out. 2020.

PENA, L.; REMOALDO, P. Psicodinâmica do Trabalho: um estudo sobre o prazer e o sofrimento no trabalho docente na Universidade Óscar Ribas. **Saúde soc.** São Paulo, 28(4): 147-159, dez. 2019.

Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902019000400147&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 14 out. 2020.

PEREIRA, C. A.; SALLES, G. C. S.; PASSOS, J. P. As condições de trabalho e sua relação com a saúde dos trabalhadores condutores de transporte. **Rev. de pesquisa: cuidado é fundamental** [online], 2: 904-907, out/dez. 2010. Disponível em:

<http://seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/1175>. Acesso em: 19 out. 2021.

REDE NACIONAL DE ATENÇÃO INTEGRAL À SAÚDE DO TRABALHADOR (RENAST).

Boletim epidemiológico: Transtornos mentais relacionados ao trabalho no Brasil, 2006/2017.

Edição n.º 13, ano IX. abr. 2019. Disponível em: <http://renastonline.ensp.fiocruz.br/recursos/boletim-epidemiologico-transtornos-mentais-relacionados-trabalho-brasil-2006-2017>. Acesso em: 11 abr. 2021.

ROTHER, E. T. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem [online]**,

20(2): v-vi. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>. Acesso em: 15 ago. 2021.

SEMÊDO, A. C. C. M.; REIS, A. L. P. P. **Transtornos mentais e comportamentais relacionados ao trabalho: casos notificados ao Sinan**, Bahia, 2006-2012. In: A epidemiologia da saúde do trabalhador no Brasil. Universidade Federal da Bahia. 192-200. 2020. Disponível em:

https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/epidemiologia_saude_trabalhador_brasil.pdf. Acesso em: 10 abr. 2021.

SILVA, A. K. L. de. et al. Assédio moral no trabalho e sofrimento psíquico em motoristas de ônibus.

Revista de Psicologia, Fortaleza, 11(1): 24-34. 2020. Disponível em:

<http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/50052>. Acesso em: 21 set. 2021.

SILVA, A. R.; SILVA, I. S. Conflito trabalho-família: um estudo com motoristas profissionais. **Rev.**

Psi.: organizações e trabalho, 15(4): 419-430, out-dez. 2015. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572015000400009. Acesso em: 19 out. 2021.

SILVA, F. M. N.; VENDRÚSCULO-FANGEL, L. M.; RODRIGUES, D. da S. A terapia ocupacional e a saúde do trabalhador: panorama de produção bibliográfica. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar**; 24(2): 351-361, abr.-jun. 2016. Disponível em:

<http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/1167/721>. Acesso em: 17 set. 2021.

SILVA, L. A. de. et al. Características ocupacionais e qualidade de vida de motoristas de ônibus.

Journal Health NPEPS, 1(1): 53-67. 2016. Disponível em:

<https://periodicos.unemat.br/index.php/jhnpeps/article/view/1564>. Acesso em: 21 out. 2021.

SILVA, L. de F.; ZAVARIZE, C. A. Incidência de fatores que ocasionam estresse em motoristas de ônibus: uma comparativa entre o transporte urbano e de fretamento. **Rev. Faculdades do Saber**, 2(3): 168-184, 2017. Disponível em: <https://rfs.emnuvens.com.br/rfs/article/view/26/22>. Acesso em: 20 out. 2021.

SILVA, M. C. da. et al. Atividade física no lazer e deslocamento e fatores associados em motoristas e cobradores do transporte coletivo urbano de Pelotas - RS. **R. bras. Ci. e Mov.** 25(2):137-144. 2017. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-882208>. Acesso em: 18 out. 2021.

SILVEIRA, L. S. da.; ABREU, C. C. de; SANTOS, E. M. dos. Análise da situação de trabalho de motoristas em uma empresa de ônibus urbano da cidade de Natal/RN. **Psicol. cien. prof.** 34(1): 158-179. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/D6B7Zrmmj6DzgMQsnHhDqCJ/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 19 out. 2021.

SOBRINHO, A. V. et al. Adoecimento psíquico dos motoristas de transportes coletivos públicos urbanos da Cidade Do Natal. **Rev. Cien. Mult. Núcleo do Com.** 11(06): 113-126. nov. 2020. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/psicologia/transportes-coletivos-publicos>. Acesso em: 29 maio 2021.

SOLIS, M. G. O. et al. Representación del autocuidado de la salud en el trabajo de conductores de autobús urbano de Guadalajara, México. **Cad. Saúde Pública**, 33(3). 2017. Disponível em: <https://www.scielosp.org/article/csp/2017.v33n3/e00139815/>. Acesso em: 21 set. 2021.

SOUZA, K. S. F. de. et al. Análise preliminar de risco em uma empresa privada da Paraíba: uma abordagem voltada para um motorista de ônibus. **Enegep: XXXVII Encontro nacional de engenharia de produção**, Joinville, SC. out. 2017. Disponível em: http://www.abepro.org.br/biblioteca/TN_STP_241_399_30972.pdf. Acesso em: 19 out. 2021.

TAKLIKAR, C. S. Occupational stress and its associated health disorders among bus drivers. **International Journal of Community Medicine and Public Health**, 3(1): 208-211. 2016. Disponível em: <https://ijcmph.com/index.php/ijcmph/article/view/677>. Acesso em: 24 jul. 2021.